

DA BIOPOLÍTICA À NECROPOLÍTICA NO BRASIL: A POLÍTICA INTERNA E EXTERNA DE JAIR BOLSONARO

MATEUS DILELIO ALVES¹;
MARIA DE FÁTIMA BENTO RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mateusdilelioalves@yahoo.com

²Universidade Federal de Pelotas – mfabento@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar, desde uma lente filosófica, a política interna e externa da gestão de Jair Messias Bolsonaro no Governo Federal, a partir de autores tais como Achille Mbembe e Michel Foucault. Para tanto, partiu-se de uma exposição dos conceitos de soberania, biopolítica e biopoder em Foucault, e sua radicalização a partir de Mbembe e os conceitos de necropolítica e necropoder.

A soberania, para Foucault, fundamenta-se, sobretudo, enquanto um poder portador do direito sobre a vida e a morte, derivado da antiga *patria potestas* romana – a qual concedia o direito de “disposição” do pai da família sobre a vida de seus filhos e escravos. Contudo, a formulação clássica desse poder revela-se atenuada, pois a decisão sobre vida e morte não era absoluta, mas condicionada à preservação da própria soberania. Desta forma, a configuração do direito em análise pode ser compreendida enquanto dualidade: por um lado, o direito de produzir ativamente a morte; por outro, o direito de permitir, passivamente, a vida.

Entretanto, com o surgimento da época clássica, a partir do século XVII, com o nascimento e o posterior desenvolvimento do capitalismo industrial, o poder sobre a morte passou a se deslocar em direção à capacidade de não apenas causar a morte, mas, sobretudo, de gerir a vida, de modo a constituir-se enquanto um “fazer viver”. A formulação, portanto, se inverte: ao omitir-se, o Estado devolve à morte; ao agir, passa a gerir a vida. Processo este que se desenvolveu até seu apogeu no século XIX.

Contudo, para Mbembe, Foucault concentrou-se sobremaneira na gestão da vida, de tal sorte que a gestão da morte restou ignorada em sua doutrina filosófica. A soberania necropolítica, neste sentido, se caracteriza fundamentalmente pela capacidade de exercer legitimamente o poder de matar. Trata-se de um poder soberano que encontra sua expressão máxima não na regulação da vida, mas na administração calculada da morte, estabelecendo quem pode viver e quem deve morrer.

Após a apresentação conceitual, passou-se a contextualizar o caso brasileiro, no que diz respeito às suas expressões bio e necropolíticas. Apontou-se, a título de exemplo, o SUS (Sistema Único de Saúde) como caso modelar de biopolítica, em sua esfera ativa, e o abandono das populações periféricas como caso modelar do biopoder, em seu aspecto omissivo.

Acerca da manifestação necropolítica no Brasil, apontou-se uma guinada a partir do ano de 2019 no que diz respeito a essa modalidade de soberania. Uma das faces mais paradigmáticas das políticas voltadas ao necropoder vinculadas ao governo Bolsonaro foi a gestão da pandemia de COVID-19. Enquanto a governamentalidade concernente à Biopolítica exigiria medidas sanitárias para fins de gerir a vida da população, de modo a salvaguardar a saúde pública, o poder soberano em curso à época decidiu por um caminho diverso: a operação de uma

gestão calculada da morte, especialmente entre populações vulneráveis, transformando a crise sanitária em um mecanismo de seleção populacional.

Por derradeiro, analisou-se as consequências externas à gestão interna sob o jugo da necropolítica de Jair Bolsonaro.

A primeira consequência da política vinculada à morte foi o isolamento internacional e alinhamento com nações cujos poderes soberanos têm o mesmo princípio, o necropoder. Por conta desse compartilhamento de visão acerca de suas soberanias, o Brasil passou a aliar-se com os governos como os da Hungria e com Israel.

Em segundo plano, registrou-se uma significativa alteração na posição brasileira quanto aos direitos humanos internacionais. O país, que historicamente se destacava como defensor desses princípios em fóruns multilaterais, passou a adotar posturas que violam sistematicamente esses mesmos direitos. Essa transformação configurou, em última análise, uma reorientação necropolítica da inserção internacional do Brasil, na qual a violência – tanto discursiva quanto prática – passou a ocupar lugar central na atuação externa do Estado brasileiro.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada funda-se na revisão bibliográfica, com verificação de conceitos filosóficos, utilizando fontes primárias e secundárias, adequação conceitual e contextualização à realidade brasileira, apoiando-se na literatura concernente ao tema em comento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Presente trabalho logrou efetuar uma análise filosófica do governo de Jair Bolsonaro a partir dos conceitos de biopolítica e necropolítica, para posterior verificação das implicações em política externa a respeito do referido.

Como resultado obteve-se que a política interna de Jair Bolsonaro, sob o prisma da necropolítica – principalmente no que concerne à gestão frente à pandemia de Covid-19 – reverberou sobremaneira na política externa. A primeira consequência referente ao exposto foi o isolamento internacional e o subsequente alinhamento exclusivo a países cuja soberania se mostra, da mesma forma, circunscrita ao necropoder. Ademais, o país executou uma profunda transformação discursiva e prática no que diz respeito à proteção dos direitos humanos em âmbito internacional, de modo que a tradição de defesa desses princípios, à época, restou absolutamente abandonada.

4. CONCLUSÕES

A principal novidade oferecida pelo presente trabalho é a adequação conceitual concernente à biopolítica e à necropolítica no contexto nacional, tendo como objetivo analítico as consequências externas referentes a citada modalidade de poder soberano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REIS, A. F. **Da bio à necropolítica**: a política de saúde, narrativas e ações do neoliberalismo do governo Bolsonaro e seus impactos junto aos idosos na pandemia de Covid-19. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 392-403. 2022.

SILVA, C. S.; ASSIS, L. A.; COELHO, M. A. **Necropolítica e biopoder**: a postura antivacina contra a Covid-19 do governo Bolsonaro. *Revista Cronos*, Natal, v. 24, n. 1, p. 67-76. 2024.

Santos, A. B. S. **A Covid-19 no Brasil**: biopolítica, estado de exceção e fake news no discurso do presidente da República Jair Bolsonaro. *Configurações*, v. 31, p. 61-86, 2023.

SIQUEIRA, V. **O que é necropolítica?** Colunas Tortas, 2020. Acesso em: 13 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-que-e-necropolitica-achille-mbembe>.